

Cavalo

Lucas Castor

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2022

1.

Levantem-se, e, balançando as pernas, sem o alcançar, eu e Marcos olhamos para o chão.

Meu irmão almoçava com a lata de achocolatado ao alcance das mãos. Ao longo da chuva de 1977-1978, de novembro a março levou-a ao colégio, à natação, ao parquinho, ao Beirute, à cama na hora de dormir. O papel, onde se leria Nescau e se veria a promessa de uma bebida cremosa e borbulhante, foi arrancado por papai, que fez pequenos furos na tampa, para que os tatuzinhos-bola respirassem. Viveriam apenas para serem torturados pelo meu irmão, quando tivesse vontade.

Marcos pingava água nos furos da lata, com cuidado. Abria no fim de tarde, após voltarmos do clube Vizinhança ou da aula de inglês, e deixava que passassem pela mesa de jantar, tomando o banho de sol do dia. Depois os arrastava de volta para o cativeiro, com uma brutalidade que era mais falta de controle sobre o corpo do que desejo de machucar. Meu irmão tinha só cinco anos. Um ou outro tatuzinho dava sorte, e da mesa não caía para a lata, mas para o chão. Quando via isso acontecer, eu chamava a atenção de Marcos, tentava o distrair de alguma forma, dando chance para o bicho se enfiar entre as fendas do piso de taco e desaparecer. Mas a maioria voltava para a lata, e nela agonizava por

alguns dias, até que morressem de fome ou de desgosto, ou até que meu irmão decidisse brincar com eles.

Brincava os matando. Fechava o punho e lançava golpes desajeitados contra a mesa, explodindo cinco, dez tatuzinhos, fazendo papai gargalhar na poltrona. Bernardo, se estivesse por perto, soltava o berro, então mamãe o repreendia. Não dava uma semana e lá estavam os dois, cavando os jardins em frente ao nosso bloco, em busca de novas vítimas. Muitas vezes quis libertar o exército dos encouraçados, mas não tive coragem. Se fosse surpreendido por papai, não só levaria uma bronca, mas perderia a chance de ganhar um pouco de carinho. Um dos atalhos para receber esse afeto era a caça aos tatus.

Levantem-se e olhem para o chão. Mamãe já está de pé. Marcos apanha a lata e se levanta, olha para o chão. Eu me levanto, pego Bernardo no colo e olho para o chão. Papai fica sentado na poltrona, bica o uísque e olha pela janela sem grades.

— Levantem-se e olhem para o chão. Vejam, meus filhos, as folhas não vieram desta terra, as frutas do suco não vieram desta terra, nem os legumes. O sangue do boi não escorreu neste solo. Agradeçam à Terra que não conhecem. Comamos.

Gosto de imaginar que mamãe manteve uma comunicação inconsciente e transatlântica com Saramago, dando-lhe uma palavra, o começo de uma frase ou até uma página de seu *Levantado do Chão*. Enquanto ele escrevia o livro, mamãe procurava refúgios intelectuais para sua atuação na incipiente Comissão Pastoral da Terra. Não acreditava em Deus, mas tinha que o suportar na luta contra o latifúndio.

Quando enfim leu o livro, em meados da década de 1980, já estava em paz com suas crenças. Filiou-se, para o

terror de papai, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, dando aulas de português para os assentados e seus filhos nas ocupações do Norte e do Centro-Oeste. Imagino-a lendo Saramago em voz alta para os alunos, e apostando que não entendiam. Eu entenderia, acredito que Marcos também, mesmo que pouco, mas mamãe nos deixava mais da metade do ano com o silêncio de papai.

2.

Marília era minha chefe. Tínhamos um chat interno na Agência, foi como me abordou.

Oi

Boa tarde, Marília. Posso ajudar em alguma coisa?

Sim, numa cerveja. Eu não conseguiria tomar sozinha todas as que preciso

É sério?

Claro, mas prefiro as escuras.

Mal nos conhecíamos. Temi um processo disciplinar, bastaria uma incursão simples na nuvem da Agência, onde as conversas do chat pairavam por cinco anos, até serem apagadas. Nessa época, eu era o responsável da Assessoria Jurídica pela organização de processos e demais documentos em pastas. Quebrava também um galho prestando suporte de TI, ligando uma tomada aqui, reinserindo um pen drive ali, certificando-me de que a conexão não tinha caído por um problema maior. Não me formei em Arquivologia, tampouco em Ciência da Computação, mas não posso culpar a Agência por alocar um educador físico em pequenas atribuições, dessas que não merecem um posto de trabalho dedicado. Acho que minha situação jurídica era uma de desvio de função, mas ninguém parecia se importar, nem mes-

mo notar. O concurso que prestei quinze anos antes foi para o cargo de técnico administrativo, um cargo genérico.

Eu tinha acabado de ser realocado, de novo. A Assessoria ficava no quarto andar. Vim do quinto, o que não queria dizer um rebaixamento, menos ainda uma promoção. Apenas não durava nos departamentos e diretorias, secretarias e assessorias. Fazia o máximo para não ser notado, o mínimo para não ser demitido. Toda repartição pública, ouso dizer toda empresa, seja ela de pequeno, médio ou grande porte, precisa de alguns Carlos. Desaceleramos a roda.

Marília era uma das supervisoras da Assessoria Jurídica. Era minha superior, portanto deveria saber do perigo de enfrentarmos algum tipo de punição, conversando sobre coisas tão banais, tão boêmias. É verdade que tinha alguma dificuldade em lidar com tecnologias, mas seria tão ingênua a ponto de julgar o chat interno como um espaço seguro? Pensei ser um teste, talvez quisesse se certificar de que eu não era um tarado, um louco. Alguém perigoso.

Quando vi que me notou pela primeira vez, não trocamos palavra. Marília acenou com a cabeça, atravessando a sala em passo rápido e firme, mas torto. Parecia ressaca. Naquele fim de agosto de 2013, tive a impressão de que ficava os saltos na caça, como quem pesca de arpão cardumes fúgidios em alto mar. Caminhava com fome, uma fome quase raivosa. Envergonhado, respondi com um aceno de mão. Já vinha acompanhando sua entrada na sala há duas semanas, sempre procurando disfarçar meu interesse. Um dia cravou os olhos no meu, atirou-me fora d'água. Eu respirava com dificuldade, a seca tinha começado em Brasília. Recompus-me, perguntando a Josias quem era ela. Deu-me dois tapas

fortes no ombro, um sorriso de malícia. Meu companheiro de baia disse, *Supervisora. Todo mundo quer.*

Nos dias seguintes, Marília passou reto, sem me cumprimentar. Eu cheguei aos cinquenta anos com alguma dificuldade, estava acostumado ao desinteresse. Espantei-me quando, semanas depois, me procurou. O que queria com um homem décadas mais velho, um homem apagado?

Oi

Boa tarde, Marília. Posso ajudar em alguma coisa?

3.

1976 e viajávamos no Opala dourado de papai. Íamos a Prado, litoral sul da Bahia, onde vovô Antônio, pai de mamãe, aposentou-se. Resgatou a aposentadoria privada, para abrir um bar na praia. Começava a diluir o estabelecimento logo pela manhã, bloody maries como desjejum, mojitos antes do almoço, campari para digestão. Era um homem do destilado. À tarde entrava na rádio da cidade, dividindo sua meia hora entre poesia portuguesa e poemas de sua autoria. Deve ter pagado pelo programa, pois duvido que tinha audiência. Declamava bêbado os poemas.

Vovô insistiu para que mamãe levasse os netos à praia, à vasta praia de Prado. Queria se aproveitar da presença da família distante, a fim de escrever qualquer poema sobre a esperança, seu tema predileto. Usava-nos, quando lhe faltava inspiração.

Quanto mais nos aproximávamos da Bahia, pioravam as estradas. Se digo a verdade, eram ruins antes mesmo de sair da capital. Papai, letárgico e imerso numa das retas intermináveis do caminho, de repente se viu de frente para um buraco mais largo que toda a faixa de mão dupla, mais extenso que o próprio Opala. Vinha uma caminhonete na contramão, a única opção era o matagal, à direita, a batida ou a frenagem brusca. Papai optou pelo breque. Sua vara

de pescar, atravessada entre o banco da frente e o de trás, avançou contra meu rosto. Eu dormia e meus olhos estavam fechados, mas mesmo assim perdi um, o direito. Foi perfurado.

No verão de 77, com um tampão sobre o antigo olho direito, eu corria como qualquer outro garoto de 11 anos pelas praias de Prado, sentava no bar de vovô com seus amigos de garrafa, era chamado por eles de *pirata dos mares*. Pela primeira vez, sentia orgulho da minha nova aparência.

Se não entrei no mar naquela quinzena, foi porque choveu muito, e porque tive medo de que a água avançasse pela cicatriz e inundasse a cabeça. Um medo irracional, eu sei, mas o sinto até hoje. Ele vem junto com a tristeza de nunca mais ter sido chamado de pirata. Na escola eu era o caolho, na faculdade o ciborgue. Preferia me imaginar como um aventureiro dos mares.

Livros iluminam

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2022.
